

«RECORTE»
 Apartado 2571
 1 - Rua C. Portugal
 Telef. 443 01

DIARIO DE NOTICIAS Lisboa	
DIARIO POPULAR Lisboa	
TRIBUNA (A) Lisboa	
JORNAL DE NOTICIAS Porto	27. OUT. 1976
DIA (O)	

A capital do Minho, soberbamente conhecida pelo seu cariz religioso, em virtude do qual lhe resultaram os cognomes de «Roma Portuguesa» e «Cidade dos Arcebispos», orgulha-se de possuir uma vasta gama de monumentos, a maior parte dos quais datam já de há longas centenas de anos. Tal facto, porém, não poderá constituir motivo de grande admiração se atentarmos em que a cidade conta hoje mais de 2250 anos de existencial...

E, pois, absolutamente natural que muitas construções edificadas há séculos estejam hoje incluídas no património artístico nacional. Por outro lado, tanto algumas entidades particulares como oficiais, sempre procuraram manter e, até, aumentar aquele património, como nos demonstram, além de outros, os casos da Biblioteca de Braga — a segunda melhor do país, imediatamente atrás da Torre do Tombo — e do recheio da casa do falecido comendador Nogueira da Silva.

É evidente que, neste último caso, embora se trate de um re-

O FUTURO MUSEU DA UNIVERSIDADE DO MINHO

BRAGA SOBE DE COTAÇÃO NO ROTEIRO ARTÍSTICO DO PAÍS

Se, à primeira vista, poderá parecer uma dádiva mais ou menos insignificante, isto apesar de incluir os dois prédios que lhe são contíguos, o certo é que não poderá ser considerado tanto assim. Na verdade, e para além destes imóveis — um deles com capela privativa de grande valor, jardins considerados dos melhores que é possível encontrar e, ainda, completa-

foram adquiridos, alguns problemas surgiram, nomeadamente com as autoridades gregas que pretendiam impedir a sua saída do país. Todavia, a intensa actividade diplomática que, na altura, veio a ser desenvolvida, solucionou o caso, pelo menos momentaneamente, pois as estatuetas vieram para Portugal, apesar de arroladas pelo governo grego.

Mas além destas quatro estatuetas em mármore que representam outras tantas estações do ano, muitas outras obras de arte existem, nomeadamente pinturas e esculturas de grandes autores e os próprios

aspecto de pinturas, destaca-se uma boa colecção do mestre Henrique Medina («Cosendo as redes», quando o autor tinha apenas 13 anos, «Jovem sueca», de 1953, e uma das suas melhores obras em «nu», «Crioula», de 1942, «Mordoma do Minho», «Escocês, tocador de Piccolo», «Brigit Ornstein — actriz sueca», «O patriota jugoslavo», de 1942 — obra primordial da carreira do autor, «Devoção», de 1950, «Irlandesa», de 1962, «A menina do chapéu de palha», de 1953, «Aparição de Nossa Senhora de Fátima», de 1944, os retratos de Nogueira da Silva e da esposa e ain-

quanto aos inúmeros mármoreis, a maior parte dos quais, de Carrara, encontra-se uma estátua, «Caridade», de Carlo Nicoli e esculturas do professor Pattarino, de Florença.

A obra que se encontra arrolada é um Cassone italiano do século XV, com pinturas da mesma época que narram feitos da vida de Sansão. Foi arrolada em 1956, tendo sido publicado no «Diário do Governo» n.º 108, 2.ª série, de 5 de Maio daquele ano. Nessa altura, era pertença de João Wetzeer — Galeria da Madalra — Funchal. Posteriormente pertenceu ao médico lisboeta Silvério Ferreira Gomes da Costa a quem o comendador Nogueira da Silva o comprou.

Ainda de considerar, pois ficam igualmente a ser pertença do futuro museu, são as medalhas e comendas de Nogueira da Silva. Trata-se de peças em ouro, algumas das quais com pedras preciosas incrustadas, o que lhes confere alto valor material e artístico.

A Universidade do Minho e,

■ Texto de JORGE CRUZ ■ Fotos de GUILHERME GOMES



Uma das muitas estátuas que se encontram no magnífico jardim. Representa «Avalô e Dufres (a lenda da mulher que se transforma em árvore) e é em mármore de Carrara, da autoria de um escultor italiano

cheio valiosíssimo, ele é pertença de um particular e não da comunidade. Ou pelo menos era, porquanto com a sua morte, verificada há dias, a cidade, se por um lado perdeu um dos seus mais ilustres filhos adoptivos, pois Nogueira da Silva era portuense, por outro ganhou no aspecto cultural e artístico.

Efectivamente, e segundo a vontade expressa do falecido Nogueira da Silva, a casa apalaçada existente na Avenida Central e que era propriedade sua, fica a ser pertença da novel Universidade do Minho, para futuras instalações de um museu.

mente preparado para o fim a que se destina — foram ofertados igualmente os objectos artísticos que constituíam o seu recheio e ainda muitos outros que se encontravam na sua residência de Lisboa, num total avaliado em cerca de 250 mil contos. Isto, claro está, se atendermos apenas ao valor material da dádiva. Quanto ao valor cultural e artístico, como é evidente, é incalculável.

Trata-se, pois, de objectos valiosíssimos, alguns dos quais de origens grega e italiana e que, naqueles países, são considerados, muito justamente, monumentos nacionais. Aliás, e na altura em que

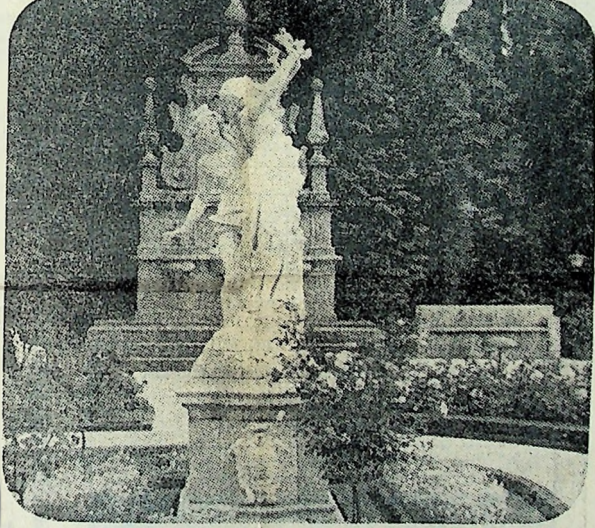
jardins do futuro museu. Há ainda um sem número de tapeçarias, bem como imensos serviços, quer em louça quer em vidro, de origem nacional e estrangeira. Muitas das peças descritas, quer se trate de vidros, porcelanas ou até pratos, têm brasão o que, de algum modo, atesta o seu valor

* LEGÍTIMO MOTIVO DE ORGULHO

Seria, porém, demasiado fastidioso e praticamente impossível enumerá-las todas. Contudo, e a título meramente demonstrativo poderemos citar algumas: desde peças de pedra dura chinesa (jade), algumas das quais datam de 600 anos antes de Cristo até porcelanas contemporâneas, passando pelas porcelanas de Sévres-Napoleão II, de Saxe-Melissen (1740-1750), com pinturas miniaturais de Bottger e que pertencem à colecção de Jerosch, encontra-se de tudo um pouco, e de muitos pontos do globo. Da China, por exemplo, encontram-se várias peças da dinastia Ming. Há marfins orientais Netsuke, peças em vidro portuguesas, da extinta Real Fábrica de Coína (1719-1769), louças da Companhia das Índias, etc. No

da as pinturas em madeira «Camponesa», «Tia Micas», «Lavradeira», e «Pescador»).

Existem ainda uma gravura alemã do século XVI, «Cristo no Horto», do monogramista HB (Hans Burgkmair?), uma outra holandesa,



Aspecto geral do Salão Henrique Medina, notando-se no fundo, lado direito o retrato de Nogueira da Silva, «O ESCOCÊS TOCADOR DE PICCOLO» e «O PATRIOTA JUGOSLAVO»

As tapeçarias do chão são portuguesas e as dos sofás e cadeiras, francesas

do século XVII. «Retrato de Jovem», que se supõe seja de Rembrandt, uma pintura do mestre Fredo Krauffer, «Trapos e farrapos», de 1965, pinturas do século XVI, que faziam parte das colecções de F. Mardel e Meyer, e muitas outras das escolas flamenga, norueguesa, italiana, holandesa, espanhola, e portuguesa. Aliás, neste capítulo, existem uma cópia do «Jardim do Paraíso», de Rubens, executada no século XIX por Manuel Alonso, uma «natureza morta», de J. Weenix, da escola holandesa e ainda obras de José Malhoa. Além disso há vários quadros da escola flamenga (século XVII) com figuras de Santos, do Wit. Estas obras pertenciam à colecção Bratiano e foram compradas em Paris pelo antigo presidente da República, Teixeira Gomes.

consequentemente, o Ministério da Educação e Investigação Científica enriqueceram imenso o seu património, e a cidade de Braga poderá orgulhar-se de possuir, dentro em breve, um museu de alto valor artístico.

Para a prossecução deste plano, e segundo informações que colhemos, encontram-se já vários técnicos empenhados na elaboração do inventário das peças existentes do inventário das peças existentes em Lisboa — local por onde entenderam iniciar os trabalhos. Após essa missão, esses mesmos técnicos, que fazem parte de uma comissão nomeada pela Universidade do Minho, deslocar-se-ão a Braga onde procederão a idêntico trabalho com vista a, o mais rapidamente possível, dar por terminada a sua função em ordem à rápida abertura do museu.